



SEÇÃO: DISCURSOS DISCRIMINATÓRIOS COMO FRATURA DA SOCIEDADE BRASILEIRA

Catimbó-Jurema: uma análise crítica do discurso multimodal sobre o imaginário social religioso no filme *O Auto da Compadecida*¹

Catimbó-Jurema: a critical analysis of the multimodal discourse on the religious social imaginary in the film O Auto da Compadecida

Catimbó-Jurema: un análisis crítico del discurso multimodal sobre el imaginario social religioso en la película O Auto da Compadecida

Leonardo Adriano

Eugênio de Lima²

orcid.org/0000-0002-5647-5502
leonardoaelima@gmail.com

Thayse Silva da Rocha

Dias²

orcid.org/0000-0001-7361-3666
tayase@gmail.com

Ana Flora Ferreira

Rocha²

orcid.org/0000-0002-0391-1841
aflorasg@gmail.com

Fábio Alexandre Silva

Bezerra²

orcid.org/0000-0002-3383-0188
fabes10@yahoo.com.br

Resumo: Na sociedade contemporânea, são inúmeras as demandas criadas cotidianamente decorrentes das relações interseccionais que compõem as experiências identitárias de indivíduos e de grupos sociais diversos, com base em marcadores sociais da diferença como gênero, sexualidade, raça, classe, etnia, afiliação religiosa e deficiência, que frequentemente se tornam catalizadoras de preconceitos e de discriminação. Diante desse contexto, investigamos, neste artigo, a construção do imaginário sociodiscursivo sobre o Catimbó-Jurema por meio da análise de quadros de cenas selecionadas do filme *O Auto da Compadecida* (2000), com suporte teórico-metodológico e crítico da gramática sistêmico-funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), mais especificamente do sistema de transitividade da metafunção experiencial, da gramática do design visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2021), com foco nas metafunções representacional e composicional, e da análise crítica do discurso (FAIRCLOUGH, 1995, 2015; RESENDE; RAMALHO, 2006), com base no modelo tridimensional de Fairclough, em relação transdisciplinar com estudos em antropologia, ciências da religião, sociologia e filosofia. Resultados gerais das análises críticas e sistêmico-funcionais do discurso multimodal sobre o Catimbó-Jurema no filme *O Auto da Compadecida* apontam que a construção desse imaginário social ocorre por meio da mobilização de recursos verbais e imagéticos que buscam associar religiões afro-indígenas ao demoníaco na intersecção de discursos e práticas sociais que se (re)articulam de formas complexas, históricas e situadas. Por fim, compreendemos que as análises empreendidas nos possibilitaram uma visão crítica não apenas quanto à utilização dos recursos multimodais neste filme, mas também no que diz respeito às inter-relações entre os processos de construção de sentido por meio da linguagem e as inteligibilidades que também são parte do imaginário sociocultural.

Palavras-chave: Catimbó-Jurema; *O Auto da Compadecida*; multimodalidade; discurso; imaginário social.

Abstract: In contemporary society, there are countless demands created daily as a result of the intersectional relationships that make up the identity experiences of individuals and different social groups, based on social markers of difference such as gender, sexuality, race, class, ethnicity, religious affiliation and disability, that often become a catalyst for prejudice and discrimination. In this context, we investigate, in this paper, the construction of the sociodiscursive imaginary about Catimbó-Jurema through the analysis of selected scenes from the movie *O Auto da Compadecida* (2000), with theoretical-methodological and critical support of

Recebido em: 14 jul. 2022.

Aprovado em: 21 nov. 2022.

Publicado em: 11 jan. 2023.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Esta publicação é resultado de trabalho conjunto de pesquisa no âmbito do GEPLAM – Grupo de Estudos e Pesquisa em Linguística Sistêmico-Funcional. Análise Crítica do Discurso e Multimodalidade/Multiletramentos (UFPB/CNPq), liderado pelo coautor Prof. Dr. Fábio Alexandre Silva Bezerra.

² Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB, Brasil.

the systemic-functional grammar (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), more specifically of the transitivity system of the experiential metafunction, the grammar of visual design (KRESS; VAN LEEUWEN, 2021), focusing on the representational and compositional metafunctions, and critical discourse analysis (FAIRCLOUGH, 1995, 2015; RESENDE; RAMALHO, 2006), based on Fairclough's tridimensional model, in a transdisciplinary relationship with studies in anthropology, religious sciences, sociology and philosophy. Overall results of the critical and systemic-functional analyses of the multimodal discourse on Catimbó-Jurema in the film *O Auto da Compadecida* indicate that the construction of this social imaginary occurs through the mobilization of verbal and image resources that seek to associate Afro-indigenous religions with the demonic at the intersection of discourses and social practices that are (re)articulated in complex, historical and situated ways. Lastly, we understand that the analyses carried out allowed us to have a critical view not only regarding the use of the multimodal resources in this film, but also with regard to the interrelationships between the meaning-making processes through language and the intelligibilities that are also part of the sociocultural imaginary.

Keywords: Catimbó-Jurema; *O Auto da Compadecida*; multimodality; discourse; social imaginary.

Resumen: En la sociedad contemporánea, son innumerables las demandas que se crean a diario como resultado de las relaciones interseccionales que configuran las experiencias identitarias de los individuos y de los diferentes grupos sociales, a partir de marcadores sociales de diferencia como el género, la sexualidad, la raza, la clase, la etnia, la filiación religiosa, y discapacidad, que a menudo se convierten en catalizadores de prejuicios y discriminación. En ese contexto, investigamos, en este artículo, la construcción del imaginario sociodiscursivo sobre Catimbó-Jurema a través del análisis de escenas seleccionadas de la película *O Auto da Compadecida* (2000), con apoyo teórico-metodológico y crítico de la gramática sistémico-funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), más específicamente del sistema de transitividad de la metafunción experiencial, la gramática del diseño visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2021), centrándose en las metafunciones representacional y composicional, y del análisis crítico del discurso (FAIRCLOUGH, 1995, 2015; RESENDE; RAMALHO, 2006), basado en el modelo tridimensional de Fairclough, en una relación transdisciplinar con estudios de antropología, ciencias religiosas, sociología y filosofía. Resultados generales de los análisis críticos y sistémico-funcionales del discurso multimodal sobre el Catimbó-Jurema en la película *O Auto da Compadecida* indican que la construcción de este imaginario social ocurre a través de la movilización de recursos verbales e imaginarios que buscan asociar las religiones afroindígenas con lo demoníaco en la intersección de discursos y prácticas sociales que se (re)articulan de maneras complejas, históricas y situadas. Por fin, entendemos que los análisis realizados permitieron tener una mirada crítica no solo en cuanto al uso de recursos multimodales, sino también en cuanto a las interrelaciones entre los procesos de construcción de sentido a través del lenguaje y las inteligibilidades que también forman parte del imaginario sociocultural.

Palabras clave: Catimbó-Jurema; *O Auto da Compadecida*; multimodalidad; discurso; imaginario social.

*"Teu corpo não tem norte,
também não tem o sul
Não há nenhuma algema que segure tuas mãos"*
Cátia de França (*Estilhaços*).

Introdução

Este trabalho investiga a construção do imaginário sociodiscursivo sobre o Catimbó a partir da adaptação filmica *O Auto da Compadecida*, dirigida por Guel Arraes e lançada em 2000, inicialmente em formato de minissérie em adaptação da peça *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna (2005), cujo enredo retrata o cotidiano do sertão na cidade de Taperoá, na Paraíba (PB), no início da década de 1930. O roteiro do filme, por sua vez, com filmagens em Cabaceiras (PB) e produzido por Globo Filmes e Lereby Productions, aborda a vida e a morte de personagens centrais às histórias, que se defrontam com o Julgamento Final no qual será decidido o destino final dessas almas.

Com elenco incluindo Matheus Nachtergaele, Selton Mello, Lima Duarte, Denise Fraga, Marco Nanini e Fernanda Montenegro, integrando o cânone cinematográfico brasileiro por sua repercussão nacional e pelos relevantes aspectos socioculturais abordados, o filme participou de cinco premiações: Grande Prêmio Cinema Brasil, Cartagena Film Festival, Prêmio Guarani, Miami Brazilian Film Festival e Viña del Mar Film Festival. Além de vitórias em categorias técnicas, foi premiado nas categorias de melhor ator (Matheus Nachtergaele) no Viña del Mar Film Festival e no Cinema Brazil Grand Prize, melhor ator coadjuvante (Marco Nanini) no Festival Guarani, e diretor (Guel Arraes) também no Cinema Brazil Grand Prize (O AUTO, 2022).

Dentre pesquisas que também exploraram essa obra cinematográfica, podemos destacar o estudo da representação visual do Nordeste com base no design de produção (ELOY; SOUZA, 2019), a análise comparativa entre a peça teatral, a minissérie e o filme (ANTONIO, 2012), a discussão de estereótipos consolidados no imaginário popular sobre nordestinos a partir dos figurinos (ALVES; AGUIAR; ARAÚJO, 2022), a investigação de representações do jeitinho bra-

sileiro como marca da cultura nacional (GOMES; MORAES; HELAL, 2015) e o exame de como a estrutura da peça foi traduzida para o sistema audiovisual (MASCARENHAS, 2006). O presente estudo discute, de maneira original, o imaginário social sobre religião de matriz afro-indígena em contato com discursos centrados na lógica cristã que permeiam este texto fílmico.

Ao propor a análise do discurso multimodal, interessa-nos compreender as relações entre representações verbo-imagéticas do filme, aqui compreendido como um evento sociodiscursivo (RESENDE; RAMALHO, 2016), e o imaginário social a respeito de religiões de matriz afro-indígena, sobretudo o Catimbó-Jurema. Nogueira (2020, p. 64), ao tratar da intolerância religiosa no Brasil, ressalta que a dominação não se limita a repressões físicas, mas também à colonização epistêmica que implica a naturalização do imaginário hegemônico como realidade uma que dita os modos de compreensão do mundo social e as maneiras de interação com a natureza e a subjetividade. Portanto, compreendemos que há, no cerne da luta hegemônica pelo pensamento religioso, disputas “pela sustentação de um *status* universal para determinadas representações particulares do mundo material, mental e social” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 47).

O objetivo principal que orienta nossa abordagem ao discurso multimodal do filme *O Auto da Compadecida* é, portanto, analisar o imaginário sociodiscursivo sobre o Catimbó, com ênfase nas relações interdiscursivas e intertextuais. Para tanto, mobilizamos ferramentas teórico-conceituais da gramática do design visual (GDV) de Kress e van Leeuwen (2021), em interface com o Sistema de Transitividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), para a análise dos recursos semióticos verbais e visuais. Buscamos, mais especificamente: a) investigar as relações de sentidos criadas na referência ao Catimbó; b) compreender como a ideia do demoníaco é construída no evento discursivo; e c) analisar como esses elementos se relacionam interdiscursivamente com o imaginário sociodiscursivo sobre o Catimbó-Jurema.

A seguir, introduzimos importantes conside-

rações sobre o Catimbó-Jurema e delineamos os procedimentos metodológicos. Em seguida, explicitamos a fundamentação teórica. Por fim, apresentamos e discutimos os resultados desta pesquisa, que é, então, concluída com algumas considerações finais.

1 Apontamentos sobre o Catimbó-Jurema

Acostados/as à sombra da Jurema Sagrada ou Catimbó-Jurema, fenômeno religioso de caráter mediúnico-espiritualista, que surge a partir de costumes e tradições dos povos indígenas nordestinos, buscamos compreender os processos semiótico-discursivos que constroem sentidos sobre religiosidades não hegemônicas (SALLES, 2004). O culto do Catimbó-Jurema está fortemente ligado à reverência e ao uso do arbusto também chamado de Jurema, uma planta originária da região Nordeste e de inestimável importância simbólica e material para a religiosidade na Paraíba. Acerca disso, Lima (2016, p. 271) nos conta que “antes da chegada dos portugueses e dos africanos, os Potiguaras, os Tabajaras e os Kariris cultuavam a Jurema como árvore sagrada”. Suas cascas, raízes, folhas e sementes eram utilizadas para banhos, infusões, unguentos, bebidas etc. Assim, a planta de cujas raízes ou cascas se produz a bebida consumida nas sessões, conhecida como Jurema (*Mimosa nigra* Hub, *Mimosa hostilis* Benth, *Mimosa tenuiflora*), é o símbolo maior do culto (SALLES, 2004; SOUZA, 2016).

Bastide (2004), considerado um dos primeiros pesquisadores a investigar esse fenômeno religioso, destaca o uso da defumação para a cura de doenças e o uso do fumo para entrar em estado de transe como alguns elementos do Catimbó. Salles (2010, p. 101), por sua vez, define esse fenômeno religioso como “um complexo semiótico fundamentado no culto aos mestres, caboclos e reis, cuja origem remonta aos povos indígenas nordestinos”. Ele acrescenta, ainda, que a centralidade dessas práticas na conjuntura religiosa da região evidencia a profunda e persistente resistência indígena ao colonialismo (e à

colonialidade)² (SALLES, 2004). Dessa forma, observamos que o Catimbó-Jurema carrega traços da cultura indígena como forma de resistência, destacando a forte relação com a natureza, a crença no poder da cura através do uso de plantas medicinais, o uso do cachimbo e a relação entre a fumaça e a espiritualidade. Entretanto, ser indígena (ou até mesmo Pajé) não significa ser juremeiro ou catimbozeiro, tendo em vista que a prática religiosa, tal como é vivenciada na atualidade, tomou formas a partir de diversas influências culturais e religiosas de outros povos.

Com o processo de colonização, a cultura indígena sofreu perseguição de religiões de matriz cristã, resultando em rupturas e adaptações, assim como na introdução de diferentes costumes (NOGUEIRA, 2020). A cultura indígena também sofreu modificações pelo contato com os povos africanos escravizados, sendo permeada pelas filosofias de vida de matriz africana, enquanto era também perseguida e transpassada pela imposição dos colonizadores por meio de proibições, banimentos, violências e acusações de paganismo e de bruxaria. Dessa maneira, a relação entre essas distintas culturas resulta em modificações na estrutura do fenômeno religioso Catimbó-Jurema.

Sobre essas influências, Brandão e Rios (2004, p. 161) comentam que "juntaram-se na constituição desta forma de religiosidade popular outros elementos de origem europeia como a magia e o culto aos santos do catolicismo popular". Além disso, as influências de matriz africana podem ser notadas nas vestes brancas, no uso dos atabaques ou *ilús*, e na ritualística em forma de gira do Catimbó-Jurema, que remetem à tradição e à ritualística do Candomblé. Da matriz cristã, além da inserção dos santos católicos, há uma narrativa sobre uma relação entre a árvore jurema e a sagrada família, em alusão à narrativa bíblica que conta sobre a fuga de Jesus e sua família

para o deserto.

Como podemos verificar em Brandão e Rios (2004, p. 161), "a jurema surge como a árvore que escondeu a 'Sagrada Família' dos soldados de Herodes durante a fuga para o Egito, ganhando, desde então, suas propriedades mágico-religiosas". No que diz respeito à relação com o catolicismo, Souza (2016) argumenta que o contato com o catolicismo lusitano transformou bases anteriores do Catimbó-Jurema, o qual passou a ser percebido como uma manifestação de caráter herético, denominada como Santidade do Jaguaripe. Segundo o autor, essa denominação "incorporava noções do catolicismo ao universo ritualístico ameríndio", visto que "nestes ritos as divindades católicas eram reverenciadas e comparadas aos deuses dos nativos" (SOUZA, 2016, p. 36).

Nesse sentido, ressaltamos a importância de resgatar aspectos sociodiscursivos e culturais sobre o imaginário religioso no filme, buscando contribuir para a construção de inteligibilidades³ (MOITA LOPES, 2009) sobre o Catimbó-Jurema. Compreendemos que esse evento discursivo multimodal se constitui a partir de representações sobre a história e a cultura sertaneja do séc. XX, entre elas a referência ao Catimbó e, por conseguinte, ao culto da Jurema, bem histórico-cultural que resiste na cultura nordestina em profunda conexão com experiências sócio-históricas do povo paraibano.

Para abordar a complexidade do filme como evento sociodiscursivo e do Catimbó-Jurema, consideramos o caráter interseccional e multidimensional das vivências, experiências e identidades, percebendo a complexidade, os entrecruzamentos e as tensões entre marcadores sociais da diferença (BUENO, 2020). Ao mesmo tempo, buscamos analisar atentamente possíveis relações antagônicas que, como efeito do colonialismo e reflexo da colonialidade, "valorizam e

² Este termo foi "introduzido pelo sociólogo peruano Anibal Quijano, no final dos anos 1980 e no início dos anos 1990" (MIGNOLO, 2017, p. 2) para se referir a um processo da era moderna que, apesar de ter origem no colonialismo, é mais duradouro, assumindo novos contornos nos dias de hoje ao produzir nefastos efeitos por meio da dominação e da exploração de países latino-americanos em termos socioculturais, políticos, econômicos e epistemológicos, especialmente em países com história de escravização e extermínio de povos africanos e indígenas como o Brasil.

³ Significado de inteligibilidade: "Qualidade de inteligível, do que se pode entender, compreender, depreender sentido". Disponível em: <https://www.dicio.com.br/inteligibilidade>. Acesso em: 10 jul. 2022.

conferem prestígio e hegemonia a um determinado 'eu' em detrimento de 'outrem'", sobretudo por meio da estigmatização de práticas religiosas de matrizes não cristãs (NOGUEIRA, 2020, p. 19).

Trata-se da renarração da vida social a partir das ciências indígenas e de seus entrelaçamentos discursivos no tempo-espaço sócio-histórico. Esses sentidos, materiais e simbólicos, constroem vidas e produzem conhecimentos nas intersecções das encruzilhadas constituídas pela multiplicidade de saberes, em lutas de poder e em constante transformação social. É primordial, portanto, ressaltar o entrelaçar de ciências e culturas indígenas, africanas e sertanejas incorporadas na práxis do Catimbó-Jurema, que figura enquanto força e forma de resistência ao poder hegemônico e à colonialidade.

2 Metodologia

Para esta pesquisa de natureza qualitativa e de caráter interpretativista, mobilizamos bases teórico-instrumentais no âmbito dos Estudos Linguísticos e aportes teórico-críticos de outras áreas do conhecimento, tais como a antropologia, ciências da religião e sociologia (BASTIDE, 2004; BRANDÃO; RIOS, 2004; LIMA, 2016; NOGUEIRA, 2020; ROSA; OLIVEIRA, 2015; SALLES, 2010). As análises e discussões, como anteriormente mencionado, serão feitas a partir da mobilização de conceitos e de categorias de análise da gramática do design visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2021), do Sistema de Transitividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) e da Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 1995; 2015; RESENDE; RAMALHO, 2006).

Quanto ao *corpus*, analisamos quadros (*frames*) do filme *O Auto da Compadecida*, selecionados por sua relação com referências explícitas ao Catimbó na cena do Julgamento. Para essa seleção, os quadros tinham que ter referência explícita ao Catimbó e se relacionar diretamente com a mobilização verbal e/ou visual do termo. Com esse recorte, discutimos as relações sociosse-

mióticas e discursivas que delimitam e legitimam a distinção entre divino e pagão, sobretudo no que diz respeito ao Catimbó.

De forma contextual, para fins de aprofundamento analítico, citamos também outros trechos do filme que têm uma ligação direta com o foco da análise. Ressaltamos, entretanto, que não realizamos uma análise exaustiva do filme em si, uma vez que o nosso objetivo principal é compreender como o imaginário sociodiscursivo sobre matrizes religiosas não hegemônicas perpassa esta obra cinematográfica como evento discursivo, sem, contudo, perder de vista sua complexidade e situacionalidade.

3 Fundamentação teórica

Para a análise, buscamos ferramentas teórico-instrumentais com o objetivo de investigar não apenas os recursos linguístico-visuais, mas as práticas discursivas e sociais relacionadas ao evento semiótico-discursivo. Assim, optamos pela Análise Crítica do Discurso na perspectiva faircloughiana (FAIRCLOUGH, 1995; 2015; RESENDE; RAMALHO, 2006) pelo seu caráter transdisciplinar e tridimensional, que possibilita a análise do evento a partir das dimensões textuais, discursivas e sociais. No nível das práticas discursivas e das práticas sociais, há o foco em aspectos sociodiscursivos, como intertextualidade e interdiscursividade⁴, relações de poder e modos de operação ideológica, essenciais para as discussões que fazemos neste artigo.

No nível do texto, investigamos a mobilização de recursos semióticos por meio do Sistema de Transitividade no âmbito da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) e seu desdobramento na gramática do design visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2021). Como abordagem teórico-metodológica que concebe a língua enquanto uma rede de sistemas de significação interligados, textos e significados estão relacionados, no paradigma sistêmico-funcional, simultaneamente às rotinas sociais e linguísticas

⁴ Segundo Magalhães, Martins e Resende (2017, p. 42), enquanto a intertextualidade consiste na "propriedade pela qual os textos são feitos, integrando fragmentos de outros textos", a interdiscursividade "refere-se ao âmbito das ordens de discurso, ou seja, como o conjunto das práticas discursivas de uma instituição ou sociedade possibilita uma multiplicidade de textos".

analisadas em três metafunções distintas, porém simultâneas, a saber: ideacional, interpessoal e textual.

Nesta pesquisa, focamos o Sistema de Transitividade no âmbito da metafunção ideacional, que diz respeito a como representamos nossas experiências por meio da linguagem. Essa metafunção descreve a oração como unidade de representação, na qual o papel da linguagem é expressar experiências humanas, eventos e/ou acontecimentos.

Como recurso linguístico que dá conta de "quem fez o quê a quem em que circunstâncias" (GOUVEIA, 2009, p. 30), o Sistema de Transitividade viabiliza representações de ações, atividades e/ou acontecimentos materializados textualmente por meio de processos (grupos verbais), participantes (grupos nominais) e circunstâncias (grupos preposicionais). Considerando as múltiplas formas de representar ações linguisticamente, Halliday e Matthiessen (2014) as classificam em seis tipos de processos: materiais, mentais, relacionais, verbais, comportamentais e existenciais. O processo material lida com aquilo que se faz; o processo mental, com as experiências internas, como pensamentos, sentimentos e reflexões; o processo relacional estabelece relações de identificação e de caracterização; o processo verbal, aquilo que se diz; o processo comportamental indica, principalmente, atividades fisiológicas; e, por fim, o processo existencial indica a existência de participantes no mundo.

Similarmente, a gramática do design visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2021) propõe três metafunções: representacional (narrativa ou conceitual), interacional e composicional, das quais exploramos, neste trabalho, a primeira e a terceira. A metafunção representacional, em seus significados narrativos, enfatiza a presença de participantes, de vetores indicativos de ação e de plano de fundo que indica circunstâncias do evento representado. Nesse âmbito narrativo, o processo acional pode ser transacional (pelo menos dois participantes representados na imagem e envolvidos no processo realizado por meio de um vetor) ou não-transacional (apenas

um participante representado e um vetor). Já o processo reacional ocorre quando há um vetor correspondente à linha do olhar do participante representado, que também pode ser transacional ou não-transacional. Já na dimensão conceitual, investiga-se a organização de participantes com foco, entre outros aspectos, na construção representacional por meio da presença de elemento/s que lhes atribuam características próprias e/ou os identifiquem por meio de valores simbólicos particulares.

Finalmente, a função composicional é subdividida em três aspectos: valor da informação, enquadramento e saliência. No valor da informação, investiga-se como a disposição de elementos no texto multimodal pode atribuir valores, considerando que informações conhecidas são frequentemente posicionadas do lado esquerdo e informações novas do lado direito. Analogamente, informações ideais costumam aparecer na área superior da imagem, ao passo que as reais se encontram na área inferior. Também, enquanto as informações principais tendem a vir no centro, as informações acessórias tendem a ser encontradas nas margens das imagens. O enquadramento, por sua vez, se refere à presença ou ausência de molduras que podem criar relações de (des) conexão mais evidentes entre os elementos do texto multimodal. Por sua vez, a saliência indica recursos utilizados para atrair a atenção do leitor/observador, entre os quais podemos destacar tamanho relativo, cor, contraste, foco e plano.

Tendo delineado brevemente os principais conceitos e categorias de análise utilizados nas análises e discussões deste artigo, fazemos, a seguir, alguns apontamentos teórico-críticos centrais para a análise de representações do Catimbó-Jurema.

4 O imaginário sociodiscursivo sobre o Catimbó-Jurema

Nosso cotidiano é entrecortado por discursos multissemióticos que representam e constituem realidades enquanto são, estes mesmos, constituídos por significações socioculturais explícitas e implícitas que frequentemente circulam e atuam

como agendas ocultas. Nesse sentido, os filmes são um exemplo de eventos multimodais nos quais os discursos têm papel fundamental na construção de significações sociodiscursivas.

Pires e Silva (2014) apontam as imagens como formas de representar e/ou encobrir o mundo, servindo tanto ao propósito de descrever e dar sentido às coisas como para suprimir, integrar, desdobrar e restringir a realidade. Nessa perspectiva, o cinema é um artefato cultural que "deve ser explorado como forma de discurso que contribui para a construção de significados sociais" (PIRES; SILVA, 2014, p. 608). Dessa forma, a constituição semiótico-discursiva das produções cinematográficas tem íntimas relações com a naturalização de determinadas representações da realidade através de significações construídas e partilhadas em seus recursos multimodais que contribuem para a construção do imaginário social.

Nessa ótica, Pires e Silva (2014) argumentam que pensar na discursividade dos filmes significa compreendê-los como produção de conhecimentos, pois quando analisamos o seu caráter discursivo, lidamos com a construção de representações e símbolos que buscam dar sentido à realidade. Assim, compreender o filme *O Auto da Compadecida* enquanto um evento semiótico-discursivo nos direciona ao entendimento de que a obra não apenas representa, mas constrói o imaginário social a respeito do Catimbó-Jurema enquanto fenômeno cultural-religioso constituinte das experiências sócio-históricas do Nordeste brasileiro.

Ao analisar a mística do Catimbó-Jurema, Souza (2016, p. 111) aproxima os conceitos de representação e de imaginário, pois, ainda que polissêmicos, ambos apontam para a construção de significados simbólicos que evocam e "compõem algo que não está ali de modo efetivo, palpável". Essa construção simbólica, por sua vez, tem íntimas relações com o Catimbó, sobretudo no que diz respeito aos "espaços imaginários", ou seja, aos lugares "de onde provém a 'ciência' dos mestres espirituais e os segredos mágico-religiosos que são transmitidos aos mestres encarnados" (SOUZA, 2016, p. 111). Ao analisar a

ciência juremeira, o autor percebe a influência do imaginário ocidental cristão na criação de discursos negativos sobre esses espaços. Nessa perspectiva, o conceito de interdiscursividade da ACD nos permite tratar os eventos discursivos em sua heterogeneidade, compreendendo que diferentes discursos coexistem e, por vezes, competem em um mesmo evento, assim "a análise interdiscursiva de um texto relaciona-se à identificação dos discursos articulados e da maneira como são articulados" (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 72).

Segundo Nogueira (2021, p. 15), "forças políticas aliaram-se à demonização das CTTro (Comunidades Tradicionais de Terreiro)", integrando um projeto de poder que se fortalece através da intolerância religiosa, visto que objetiva, entre outros aspectos, a cristianização de toda a sociedade. Para ele, tradições de origem neoafricana sofrem violências e demonizações enquanto se opera uma complexa semântica e lógica de permissividade direcionada exclusivamente às religiões hegemônicas. Esses processos estão intrinsecamente ligados às práticas sociais de subalternização e perseguição de religiões de matriz afro-indígenas, contribuindo para a violência endêmica fruto da intolerância religiosa (NOGUEIRA, 2021). Em relação ao Catimbó-Jurema, Souza (2016, p. 51) discute a marginalização do culto no Nordeste brasileiro por meio de sua associação com a ilegalidade e o diabolismo, além da perseguição a religiões afro-brasileiras tratadas como "caso de polícia" desde o século XIX, quando, por exemplo, o código penal republicano de 1890, em seu Art. 157, previa o enquadramento penal de práticas religiosas e culturais de matriz africana, incentivando a perseguição através de denúncias. É nesse mesmo sentido que Nogueira (2021, p. 21) utiliza a expressão *intolerância religiosa* para tratar de "um conjunto de ideologias e atitudes ofensivas a crenças, rituais e práticas religiosas consideradas não hegemônicas".

No âmbito da ACD, a hegemonia é compreendida como um exercício de poder e de dominação de um grupo sobre outros, sendo manifestada não apenas por meio da força, mas também, e

talvez principalmente, do consenso. Essa noção implica que o discurso religioso hegemônico exerce poder e produz ideologias excludentes e segregadoras, ou seja, privilegia "construções de práticas a partir de perspectivas particulares que suprimem contradições, antagonismos, dilemas em direção a seus interesses e projetos de dominação" (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 24).

Nogueira (2021, p. 28) também investiga essas assimetrias ao intertextualizar com o conceito de colonialidade do poder cunhado por Anibal Quijano, ressaltando que esta "hierarquiza, classifica, oculta, segrega, silencia e apaga tudo que for do outro ou tudo que oferecer perigo à manutenção de um *status quo*". Essa colonialidade, por sua vez, tem relações com a tentativa de conversão em massa por parte do cristianismo, e que, segundo ele, "somente pode ser consolidada por meio da eleição de um antissujeito, um inimigo, um vilão, um demônio, um grande mal imaginário que se responsabilize por todos os males" (NOGUEIRA, 2021, p. 15). Notadamente, esse projeto de dominação remonta à estratégia de catequização na qual se buscava primeiro civilizar para, então, converter, e que, ao ser empreendida pelos jesuítas nos territórios indígenas brasileiros, defrontou-se com "a inconstância da alma selvagem" (CASTRO, 2017, p. 24). Segundo Castro (2017, p. 25), escapou aos jesuítas que os "maus costumes" dos Tupinambás eram sua verdadeira religião, e que sua "inconstância era o resultado da adesão profunda a um conjunto de crenças de pleno direito religiosas".

Essa alegada inconstância que abrigou tradições e costumes indígenas resiste na constituição do Catimbó-Jurema, também percebida por Nogueira (2021, p. 30) ao citar os espaços sagrados negros como "*locus* enunciativos que operam na

recomposição dos seres alterados pela violência colonial". Essa lógica catequética e colonial, por sua vez, também se articula por meio da estigmatização e da construção de binarismos, tais como: o profano e o sagrado, o Deus e o Diabo, o cristão e o pagão, a identidade e a alteridade, o normal e o anormal (CASTRO, 2017; NOGUEIRA, 2021). Nesse *continuum* sócio-histórico-discursivo, a ciência do Catimbó-Jurema tem resistido cotidianamente, em sua existência cultural e religiosa, não só às várias formas de violências físicas e do colonialismo, mas também à violência simbólica (NOGUEIRA, 2021).

5 Interrogando sentidos e discursos: "Só podia ser confusão desse catimbozeiro!"

Nesta seção, analisamos quadros retirados da cena do Julgamento Final, clímax do filme, pois todos os acontecimentos anteriores, *i. e.*, os feitos de Chicó e João Grilo, levam a esse momento. A narrativa, cujo arco central são as peripécias dos dois sertanejos, culmina na morte de João Grilo, personagem central do filme e da cena em questão. Nesta, o personagem Diabo é também elemento essencial para a análise, visto que: a) surge apenas no início da cena do Julgamento, e b) é o participante/personagem referido pelo termo *catimbozeiro*, diretamente ligado ao tema desta pesquisa. Apresentamos, no Quadro 1, o trecho do diálogo no filme que sintetiza esse recorte de pesquisa, discutindo, então, os elementos semiótico-discursivos relacionados aos personagens, em especial ao Diabo, a fim de compreender sua construção na cena e a relação dessa construção com o imaginário sociodiscursivo acerca do Catimbó.

QUADRO 1 – Trecho do diálogo do filme analisado

Diabo - O que me diverte nisso tudo é ver esse amarelo tremendo de medo.
João Grilo - [treme]
- Não sou eu, é meu corpo. Se a tremedeira parasse, eu era capaz de me defender.
Jesus - Pois pode parar.
João Grilo - Que alívio, eu já estava ficando cansado.
- O que é isso?
Jesus - É besteira do demônio. Esse sujeito é meio espírita e tem mania de fazer mágica.
João Grilo - Logo vi que só podia ser confusão desse catimbozeiro!

Fonte: *O Auto da Compadecida* (2000).

No diálogo acima, percebe-se que o demônio é o personagem/participante referido pelo termo *catimbozeiro*. No Sistema de Transitividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), *catimbozeiro* é classificado como Atributo relacionado ao Portador (Diabo) pelo Dizente (João Grilo) do processo

verbal (Fig. 1) sobreposto à imagem. Interessa-nos, portanto, compreender os elementos que constroem o personagem na alteridade com outras figuras, sobretudo com o personagem Jesus, e a relação com o Catimbó-Jurema.

Figura 1 – João Grilo e a expressão *catimbozeiro*



Fonte: *O Auto da Compadecida* (2000).

O personagem João Grilo (Figura 1), protagonista ao lado de Chicó, carrega elementos representativos do sertão por meio de sua voz e figurino, particularmente na representação do sertanejo como exímio sobrevivente, sujeito esperto, devoto e inventivo. Em termos visuais,

destaca-se a representação simbólica atributiva na vestimenta, conferindo ao Portador sua identidade de sertanejo e indicando, também, a classe social a que pertence, sobretudo em comparação com demais personagens, como o padeiro e sua mulher, o padre e o bispo.

Figura 2 – Jesus como aquele que nomeia



Fonte: *O Auto da Compadecida* (2000).

Observa-se que o diálogo se inicia a partir do processo verbal no qual João Grilo questiona *o que é isso?*, referindo-se ao tremor que sucede o processo verbal imagético no qual o Diabo diz *o que me diverte nisso tudo é ver esse amarelo tremendo de medo*. Na Figura 2, o personagem Jesus, Dizente do processo verbal da imagem, responde ao questionamento de João Grilo sobre

a razão do tremor (processo comportamental no Sistema de Transitividade), funcionando, assim, como um importante elemento de intermediação. Visualmente, a representação de Jesus traz elementos simbólicos recorrentes em textos cristãos, tais como a coroa de espinhos e o coração, enquanto distingue-se do terreno representacional hegemônico por meio do processo simbólico

sugestivo no qual se identifica o personagem como homem negro.

Com o poder e a fala, Jesus profere uma ordem por meio do processo verbal, *pois pode parar*, indicando, assim, seu poder e sua influência sobre o processo comportamental que tem João como Comportante – *Não sou eu, é meu corpo*. Na Figura 2, com autoridade, e na posição de Dizente do processo verbal da imagem, Jesus verbaliza um

processo relacional, *liso] é besteira do demônio*, definindo, assim, o tremor experienciado por João Grilo, passando a mediar a compreensão acerca do que foi vivido. Em sequência, o participante Jesus, também Dizente do processo verbal seguinte, traz elementos que conferem identidade ao Diabo, que são materializados nos seguintes processos relacionais: *esse sujeito é meio espírita e tem mania de fazer mágica*.

Figura 3 – O Diabo identificado



Fonte: *O Auto da Compadecida* (2000).

Por meio de recursos verbais, *o que me diverte nisso tudo é ver esse amarelo tremendo de medo!*, e visuais, o personagem Diabo é construído como desencadeador do tremor de João Grilo. Em relação aos recursos visuais, na Figura 3, percebe-se que o participante é representado em primeiro plano, destacado do plano de fundo no sistema da saliência pelo foco. Em termos conceituais, há elementos atributivos e sugestivos que constroem a identidade do participante: a vestimenta, por exemplo, se assemelha a um traje de guerra, atribuindo-lhe uma identidade de confronto, enquanto os elementos sugestivos, como o chifre, aludem a um símbolo recorrentemente associado ao Diabo. Em termos composicionais, no Sistema da Informação, destaca-se a posição do participante à esquerda, como informação dada, enquanto Jesus ocupa a posição à direita, atraindo, apesar do desfoque, a atenção pelo jogo de cores e de luz e sombra, frequentemente associado a uma ideia dual de céu e inferno.

Analisando a relação entre os três personagens do diálogo, nota-se, que, enquanto Comportante, João Grilo parece não compreender o que se

passa com o seu corpo, visto que não estabelece, *a priori*, relações associativas entre o tremor do corpo e o demônio. Assim, é apenas após os processos verbais nos quais Jesus estabelece relações atributivas que João Grilo conclui: *logo vi que só podia ser confusão desse catimbozeiro!* Por sua vez, nesse processo verbal imagético, pode-se identificar com o Sistema de Transitivity: a) um processo mental, referido pela expressão *logo vi*, indicando que o participante passou a entender algo, e b) um processo relacional indicado no segmento *que liso]* [Portador] só podia ser [proc. relacional] *confusão desse catimbozeiro* [Atributo].

A partir desses dados, consegue-se vislumbrar parte do percurso semiótico-narrativo diretamente ligado ao uso do adjetivo *catimbozeiro* em referência ao Diabo. Entretanto, nota-se que os elementos associativos que preconizam essa relação atributiva são trazidos à baila pelo participante Jesus, por meio de processos relacionais que ocorrem, por sua vez, quando este ocupa a posição de Dizente dos processos verbais da imagem. Enquanto João Grilo verbaliza o termo

catimbozeiro a partir de um processo mental, indicando a compreensão de determinado aspecto, os processos verbais da imagem, que têm Jesus como Dizente, sugerem o poder de atribuir, identificar e, também, de iniciar ações. Pode-se inferir, então, que *meio espírita* e *tem mania de fazer magia*, enunciados momentos antes da conclusão de João Grilo, têm influência no uso do termo *catimbozeiro*, pois a associação entre o Diabo e o Catimbó não estava explícita antes da intermediação de Jesus. Essas realizações, que acabam produzindo demonização de práticas religiosas não hegemônicas, por sua vez, remetem à discussão de Nogueira (2016, p. 61) sobre a relação entre religiões cristãs hegemônicas, racismo e colonialidade, discutindo "o cristianismo, como sistema de crenças, filosofia de vida e fonte de poder hegemônico".

Notadamente, a análise do diálogo da cena do Julgamento revela uma pluralidade de discursos que competem entre si (RESENDE; RAMALHO, 2006); entretanto, para a análise das práticas discursivas e sociais, delimitamos como ponto de foco o discurso materializado nos elementos visuais e verbais aqui discutidos, particularmente por associar o Catimbó ao Diabo, isto é, pela produção do discurso de que o Catimbó é coisa do Diabo. Nesse ponto, percebe-se as intrínsecas relações entre o evento discursivo e o imaginário sociodiscursivo sobre o Catimbó-Jurema, sobretudo na dimensão do interdiscurso. Quanto ao Diabo, identificamos referências simbólicas a elementos presentes no imaginário sociodiscursivo sobre religiões de matriz afro-indígenas sendo mobilizadas na construção de sua identidade, dentre os quais podemos citar as velas, as taças com líquidos vermelhos, a mudança de aparência ao longo da cena e o sangue utilizado para escrever no livro.

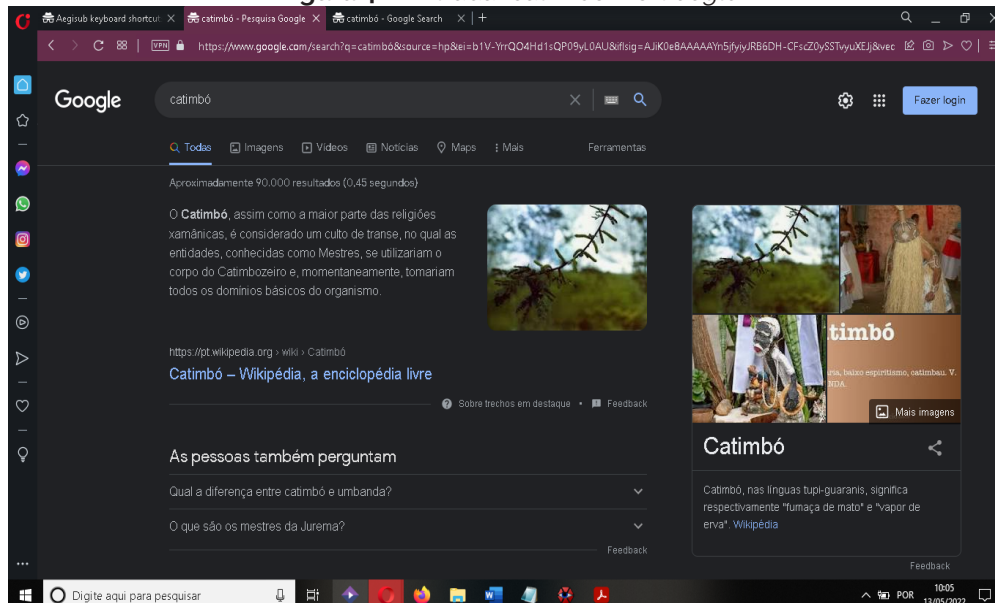
É importante ressaltar que a mágica, os encantamentos e o sincretismo com outras religiosidades, como o espiritismo, a bruxaria europeia, o

Candomblé e a Umbanda, não apenas são parte da cosmovisão juremeira, mas são atravessados por processos ativos de reconstrução e ressignificação dessas práticas na ciência juremeira. De acordo com Rosa e Oliveira (2015), práticas litúrgicas juremeiras não seguem um padrão específico, haja vista a pluralidade de influências que sofreu. Além disso, vale ressaltar que os conhecimentos e as práticas juremeiras são desenvolvidas e compartilhadas a partir da oralidade e das vivências. Devido a essas características, cada líder realiza seus ritos de maneira diferente, mas buscando respeitar a hierarquia, pondo em prática tudo que foi passado/compartilhado por seus(suas) mais velhos(as).

O termo *catimbozeiro*, portanto, materializa preconceitos e violências por meio de intertextualidades (relações com outros textos) e interdiscursividades (relações com outros discursos), amplamente sustentados pela produção de falsas informações, que, por sua vez, criam associações descabidas. Isso também é sustentado pela falta de informação transformada em *mercadoria rentável* na produção de *faíscas fascistas* contrárias aos direitos humanos em sua plenitude, como argumenta a filósofa Marcia Tiburi (2020), indicando relações entre aspectos constituintes do evento discursivo analisado e o imaginário social sobre o Catimbó-Jurema, que, por sua vez, revelam a profundidade das assimetrias de poder.

A título de exemplo, uma breve pesquisa no buscador *Google*, a partir da entrada *catimbó*, evidencia elementos tanto do sincretismo religioso como dos processos de demonização (NOGUEIRA, 2016) de religiões de matrizes afro-indígenas, conforme observa-se na tela capturada (Figura 4). No quadro com quatro imagens organizado pelo *Google*, destacam-se uma fotografia de representação do Preto Velho, uma fotografia do arbusto Jurema, uma do Orixá Omulu e, por último, uma imagem com a definição de Catimbó da página *dicio.com* como *feitiçaria e baixo espiritismo*.

Figura 4 – Entrada “catimbó” no Google



Fonte: Pesquisa realizada pelos autores no buscador do Google (2022).

Na indexação da Wikipédia na busca do Google, constata-se a referência ao *transe* como parte do culto e ao uso do *corpo* do catimbozeiro para fazer referência ao praticante do Catimbó-Jurema, ou, ainda, àquele que tem seu corpo utilizado por *entidades*. Há também uma referência à etimologia do termo Catimbó como *fumado de mato* e *vapor de erva* no tupi-guarani. Na página *dicio.com*, encontra-se associação do Catimbó com elementos culturais que descrevem a *zona rural*, indicando, também, possíveis conexões discursivas com a enunciação do termo catimbozeiro na voz do personagem central do filme. Tanto o sítio *dicio.com* como o dicionário Priberam apontam suposta controvérsia etimológica sobre o termo Catimbó, relacionando-o ao *nordeste brasileiro*, não havendo, contudo, referência específica à Paraíba, reconhecida como o berço da Jurema (LIMA, 2016).

Já no *dicionarioinformal.com*, encontramos a confluência de diferentes discursos sobre o Catimbó, visto que seus sinônimos seriam *macumbeiro*, *feiticeiro*, *mandingueiro*, *pai de santo* e *mãe de santo*, ao passo que os antônimos são *pacífico*, *fraterno* e *bondoso*. Como último exemplo, a página oficial do Governo do Estado do Paraná, publicou, em 07 de outubro de 2007, na seção Dia da Educação, um texto sobre o

ensino religioso que, associado a um verbete da Wikipédia, afirma que as entidades cultuadas no Catimbó-Jurema, *sob o ponto de vista espiritual-kardequista*, são *entidades de baixa energia e que guardam muitas referências com a última vida que tiveram em “terra fria”*.

Com esses exemplos, percebe-se que ocorre a materialização do discurso de que o Catimbó é coisa do diabo, indicando sua presença no imaginário sociodiscursivo contemporâneo sobre o Catimbó-Jurema. Dessa forma, diante da crescente centralidade e o uso contínuo desses buscadores da *internet* como fonte de informação, de pesquisa e, em última análise, como dispositivos sociodiscursivos que (re)constróem imaginários sociodiscursivos, é preocupante a ampla associação feita entre o Catimbó e tudo que é considerado mal, demoníaco, cruel e maligno.

Esses discursos são, em si, práticas sociais que estão relacionadas não apenas a momentos históricos, mas também a práticas contínuas que reforçam a demonização de religiões de matrizes afro-indígenas. Nesse sentido, uma matéria publicada na plataforma *The Intercept Brasil* nos mostra que o preconceito e a demonização das religiões de matrizes afro-indígenas se manifestam inclusive no campo jurídico. Nessa notícia, a jornalista Alice de Souza ([2022]) nos conta

que "[m]ulheres são denunciadas por familiares e ex-companheiros e têm filhos afastados em processos que demonizam ritos religiosos". Além disso, o texto aponta que, em 2019, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos havia registrado "714 denúncias de intolerância religiosa pelo Disque 100", número que subiu para 1388 em 2020, representando aumento de cerca de 94%.

Os dados apurados pelo Disque 100 também são citados por Nogueira (2021, p. 41) ao discutir as relações entre racismo, colonialidade e intolerância religiosa, concluindo que "pelo menos 90% das denúncias sem religião informada referem-se a religiões estigmatizadas", costumeiramente malvistas e mal interpretadas. Acrescentam-se a isso os relatos sobre a necessidade de se solicitar um alvará de funcionamento, em alguns municípios, emitido pelas delegacias de polícia, o que levou o babalorixá José Wilton a questionar: "Por que a gente tem que tirar licença na delegacia 'pra' funcionar, se as outras igrejas não precisam disso?" (SOUZA, 2016, p. 55).

Em face das análises e discussões desenvolvidas, enfatizamos que a reflexão sobre esses aspectos evidenciados sobre religiões de matriz afro-indígenas evidencia as complexas relações entre representações, discursos, práticas e a construção do imaginário social sobre o Catimbó-Jurema. Essas relações precisam, portanto, ser interrogadas com vistas à promoção de práticas mais inclusivas e respeitadas em todos os aspectos da vida em sociedade, incluído aí o constitucional e digno exercício da liberdade religiosa.

A fim de desenvolver uma postura de questionamento de concepções reducionistas sobre questões complexas, devemos, por vezes, *pensar contra o tempo* (NIETZSCHE, 1999) a fim de romper com normatividades históricas e hegemônicas amplamente disseminadas pelas mídias, atentos(as) para o potencial que o preconceito tem de gerar violências ao naturalizar equívocos sobre práticas religiosas não hegemônicas.

Essas considerações são essenciais em uma sociedade democrática que entende a importân-

cia de aprender com as experiências da história, particularmente em contextos geopolíticos, como o nosso, em que povos foram escravizados e exterminados. Procuramos, assim, evitar que a *barbárie* seja instaurada como cultura (BENJAMIN, 1987) em tempos que parecem recuperar e intensificar a *banalidade do Mal*, como descrita por Hannah Arendt (1999), como força motriz de *necrobiopolíticas* da desumanização (BEZERRA; SOUZA, 2023).

Considerações finais

Ao longo deste trabalho, debruçamo-nos sobre o evento discursivo multimodal buscando analisá-lo e compreendê-lo em relação à construção do imaginário sociodiscursivo sobre o Catimbó-Jurema. Entendemos que a construção desse imaginário ocorre por meio de um emaranhado de discursos e de práticas que se (re)articulam de forma complexa, histórica e situada. Percebemos, contudo, que analisar o filme como parte desse *continuum* nos possibilita uma visão crítica não apenas quanto à utilização dos recursos multimodais, mas também no que diz respeito às inter-relações entre os processos de construção de sentido através da linguagem e as inteligibilidades que também são parte do imaginário sociocultural.

Por meio da análise, discutimos como recursos verbais e visuais atuam na construção discursiva do Catimbó, atribuindo sentidos e características que definem sua compreensão na obra cinematográfica em questão. Entre essas mobilizações, destacamos os processos relacionais na fala de Jesus, sobretudo pela posição de intermediação entre a experiência de João Grilo e sua posterior classificação. Percebe-se, também, a associação direta entre o Catimbó e o demoníaco que, se analisada em relação ao imaginário sociodiscursivo, aponta para diferentes interdiscursos que ratificam essa associação, como já ilustrado em diversos dicionários e buscadores da *internet*.

Desta forma, evidenciou-se a importância de analisar o filme como evento discursivo multimodal em sua complexidade, compreendendo que diferentes discursos competem e se mate-

rializam em seu enredo. Por fim, ressaltamos a relevância da temática abordada, sobretudo no que diz respeito à renarração da vida social e à construção de novas inteligibilidades em uma perspectiva descolonial, intrinsecamente ligada a nosso *locus* de enunciação e a nossas particularidades sócio-históricas.

Referências

ALVES, Clara; AGUIAR, Maria; ARAÚJO, Robson. A "nordestinidade" representada em figurinos do filme *O Auto da Compadecida*. *Revista Crises*, Caruaru, v. 2, n. 1, p. 14-38, 2022.

ANTONIO, Luciano. *O Auto da Compadecida: um cor-de-l de frente para as câmeras. Terra roxa e outras terras* – Revista de Estudos Literários, Londrina, v. 24, p. 16-26, 2012.

BASTIDE, Roger. Catimbó. In: PRANDI, Reginaldo (org.). *Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004. p. 146-159.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987 (Obras escolhidas, v. 1).

BEZERRA, Fábio; SOUZA, Anderson. The necrobiopolitics of COVID-19 in Brazil: transitivity choices in global media representations. *Rev. Estud. Ling.*, Belo Horizonte, v. 31, n. 1, p. 1-31, 2023. Ahead of print.

BRANDÃO, Maria; RIOS, Felipe. O Catimbó-Jurema do Recife. In: PRANDI, Reginaldo (org.). *Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004. P. 160-181.

BUENO, Winnie. *Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins*. Porto Alegre: Zouk, 2020.

CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2017.

ELOY, Maria; SOUZA, Eduardo. Uma análise visual de *O Auto da Compadecida*: o design de produção na caracterização do Nordeste. In: CIDI, CONGIC, 9., 2019, Belo Horizonte. *Anais [...]* Belo Horizonte: SBDI, 2019. p. 2654-2666.

FAIRCLOUGH, Norman. *Critical discourse analysis*. Londres: Longman: 1995.

FAIRCLOUGH, Norman. *Language and power*. 3. ed. Londres: Longman, 2015.

GOMES, Danilo; MORAES, Aline; HELAL, Diogo. Faces da cultura e do jeitinho brasileiro: uma análise dos filmes *O Auto da Compadecida* e *Saneamento Básico*. *HOLOS*, Natal, v. 6, p. 502-519, 2015.

GOUVEIA, Carlos. Texto e gramática: uma introdução à Linguística Sistemico-Funcional. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 13-47, 2009.

HALLIDAY, Michael; MATTHIESSEN, Christian. *Halliday's introduction to functional grammar*. 4 ed. Londres: Edward Arnold, 2014.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading images: the grammar of visual design*. 3. ed. Londres: Routledge, 2021.

LIMA, Maria. Práticas religiosas de curandeiros e feitiçeiros negros na Paraíba do norte oitocentista. In: COSTA, Valéria; GOMES, Flávio (org.). *Religiões negras no Brasil: da escravidão à pós emancipação*. São Paulo: Selo Negro, 2016. p. 266-279.

MAGALHÃES, Izabel; MARTINS, André; RESENDE, Viviane. *Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

MASCARENHAS, Renata. *O Auto da Compadecida em transmutação: a relação entre os gêneros circo e auto traduzida para o sistema audiovisual*. 2006. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2006.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. *RBCS*, São Paulo, v. 32, n. 94, 2017.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, Regina; ROCA, Pilar (org.). *Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 11-24.

NIETZSCHE, Friedrich. Considerações extemporâneas. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Obras incompletas*. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999. p. 267-298. (Coleção Os Pensadores: seleção de textos de Gérard Lebrun).

NOGUEIRA, Sidney. *Intolerância religiosa*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020.

O AUTO da Compadecida. In: *IMDB - Awards*. [S. l.], c1990-2022. Disponível em: https://www.imdb.com/title/tt0271383/awards/?ref=tt_awd. Acesso em: 20 maio 2022.

PIRES, Maria; SILVA, Sergio. O cinema, a educação e a construção de um imaginário social contemporâneo. *Educ. Soc., Campinas*, v. 35, n. 127, p. 607-616, 2014.

RESENDE, Viviane; RAMALHO, Viviane. *Análise crítica do discurso*. São Paulo: Contexto, 2006.

ROSA, Maria; OLIVEIRA, Bernardina. Memória e tradição: percorrendo os caminhos do culto da Jurema na Paraíba. In: *ENANCIB: INFORMAÇÃO, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO: DO DOCUMENTO ÀS REDES*, 16., João Pessoa. *Anais [...]* João Pessoa, PB: ENANCIB, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/188479>. Acesso em: 31 maio 2022.

SALLES, Sandro. À sombra da Jurema: a tradição dos mestres juremeiros na Umbanda de Alhandra. *Anthropológicas*, Recife, ano 8, v. 15, n. 1, p. 99-122, 2004.

SALLES, Sandro. O catimbó nordestino: as mesas de cura de ontem e de hoje. *Revista de Teologia e Ciências da Religião da Unicap*, Recife, ano IX, ed. 2, p. 85-105, 2010.

SOUZA, Alice. Estas mães que perderam a guarda dos seus filhos têm algo em comum: religiões afro-brasileiras. *The Intercept Brasil*, [S. l.], p. 1-4, 2 maio 2022. Disponível em: <https://theintercept.com/2022/05/02/maes-religoes-afro-guarda-filhos-intolerancia-religiosa>. Acesso em: 20 maio 2022.

SOUZA, André. *A mística do Catimbó-Jurema representada na palavra, no tempo e no espaço*. 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/22119>. Acesso em: 29 maio 2022.

SUASSUNA, Ariano. *Auto da Compadecida*. 35. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

TIBURI, Marcia. *Como derrotar o turbotecnomachonazifascismo ou seja lá o nome que se queira dar ao mal que devemos superar*. Rio de Janeiro: Record, 2020.

Leonardo Adriano Eugênio de Lima

Licenciado em Letras-Inglês pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa, PB, Brasil; mestrando no Programa de Pós-Graduação em Linguística na mesma instituição. Integrante do GEPLAM (UFPB/CNPq).

Thayse Silva da Rocha Dias

Licenciada em Letras-Inglês pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB, Brasil; mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística na mesma instituição. Integrante do GEPLAM (UFPB/CNPq).

Ana Flora Ferreira Rocha

Licenciada em Letras-Inglês pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa, PB, Brasil; mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística na mesma instituição. Integrante do GEPLAM (UFPB/CNPq).

Fábio Alexandre Silva Bezerra

Doutor em Língua Inglesa e Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, SC, Brasil; PhD em Linguística pela University of Sydney. Professor Associado do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa, PB, Brasil, onde lidera o GEPLAM (UFPB/CNPq).

Endereço para correspondência

Leonardo Adriano Eugênio de Lima

Thayse Silva da Rocha Dias

Ana Flora Ferreira Rocha

Fábio Alexandre Silva Bezerra

Universidade Federal da Paraíba

Programa de Pós-Graduação em Linguística

Conj. Pres. Castelo Branco III

58033-455

João Pessoa, PB, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.